

Mulheres que ecoam Saberes: as rezadeiras e benzedeadas do médio Sertão maranhense e as elocuições híbridas

Luiz Augusto Sousa Nascimento¹ 

Instituto Federal do Maranhão

Artigos Livres | Free Articles | Artículos Libres

DOI do artigo: 10.22481/odeere.v7i1.9937

RESUMO

A pesquisa foi realizada na região do médio sertão maranhense, nordeste do Brasil. A diversidade sociolinguística no Brasil é bem marcante, sobretudo, considerando o amalgamento entre as três principais matrizes da formação da cultura nacional (europeus, indígenas e africanos). Nesse contexto, as rezas e os benzimentos, muito comum em todo território nacional brasileiro, se tornaram elementos fundantes da nossa análise, quando passamos a investigar a hibridização linguística presentes nas elocuições das práticas relacionadas às terapias das rezadeiras e benzedeadas. Os conhecimentos dessas especialistas estão alicerçados a valores adquiridos por gerações passadas transmitidos pela via da empiria popular e que, hipoteticamente, sobrevivem em tempos atuais interconectados por vários dilemas. Teoricamente dialogamos com a perspectiva do inconsciente e o poder da fala, procurando identificar entre essas especialistas os ecos dos saberes. A metodologia empregada foi a observação direta, prevalecendo a participação nos principais rituais/cerimoniais e acompanhamento das rezadeiras durante os trabalhos terapêuticos em um período de seis meses. Foi utilizado instrumentais contemporâneos de coletas de dados, tais como conversas via mídias digitais, produção de vídeos que se tornaram posteriormente pressupostos analíticos. O resultado constatado revela-nos uma hibridização plural nas elocuições das rezas e benzimentos, configurando identidades específicas para essas especialistas.

Palavras chave: Rezas, Benzimentos; Hibridismo linguístico; Sertão maranhense.

Women that echo Knowledge: the rezadeiras and healers of the mid-sertão of maranhão and the hybrid utterances

ABSTRACT

The research was carried out in the mid-sertão region of Maranhão, northeast of Brazil. The sociolinguistic diversity in Brazil is quite remarkable, above all, considering the amalgamation between the three main matrices of the formation of the national culture (Europeans, indigenous and Africans). In this context, prayers and blessings, very common throughout the Brazilian national territory, became founding elements of our analysis, when we began to investigate the linguistic hybridization present in the utterances of practices related to therapies linked to prayers and blessings. The knowledge of these specialists is based on values acquired by past generations transmitted through popular empiricism and that, hypothetically, survive in current times interconnected by various dilemmas. Theoretically, we dialogue with the perspective of the unconscious and the power of speech, seeking to identify the echoes of knowledge among these specialists. The methodology used was direct observation, prevailing the participation in the main rituals/ceremonials and monitoring of the mourners during the therapeutic work in a period of six months. Contemporary instruments of data collection were used, such as conversations via digital media, video production that later became analytical assumptions. The result that was found reveals a plural hybridization in the utterances of prayers and blessings, configuring specific identities for these specialists.

Keywords: Prayers; Blessings; Linguistic Hybridity, Sertão Maranhense.

Submetido em: 29/11/2021 | Aceito em: 20/04/2022

Introdução

Os benzimentos e as rezas como ação terapêutica funcionam como preceptores fundamentais, principalmente para equilibrar corpos enfermos e

¹ Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos UFSCar/PPGAS, Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN/PPGAS; bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Pesquisador Associado ao Centro de Trabalho Indigenista - CTI; sócio efetivo da Associação Brasileira de Antropologia - ABA-. Coordenador do Laboratório de Estudos de Populações Tradicionais e Etnologia - LEPTe. E-mail: augustowohoty@gmail.com

alinhar espaços sociais. Essas prerrogativas são concebidas tanto pelas especialistas quanto pelas pessoas que utilizam tais terapias. Em levantamento preliminar, observamos que há evidências que as terapias pautadas em rezas e benzimentos fazem parte da vida cotidiana de muitas pessoas no Brasil, sem distinção de classes sociais e filiação religiosa, embora a predominância de católicos e praticante de religiões de matrizes africanas sejam as mais evidentes².

No Brasil, as práticas de rezas e dos benzimentos como terapias de equilíbrio do corpo, de cura de enfermidades e alinhamento espiritual são recorrentes desde o período colonial no século XVI e que se espalhou amplamente por quase todas as regiões onde a expansão colonial portuguesa se instalou. A literatura especializada (SANTOS, 2007; RODRIGUES, 2012; FIGUEIREDO, 2008; BEM, 2015; RIBEIRO, SENA e ORESTE, 2018; ALMEIDA e PEROVANO FILHO, 2021) demonstram em suas pesquisas, que os benzimentos e as rezas como instrumentos terapêuticos estão presentes no cotidiano do povo brasileiro, tanto do ponto de vista pragmático, quanto presente no imaginário coletivo. Também se tem notícias dessas práticas em outros cantos do mundo. Taussig (1993), observou o fenômeno das rezas e benzimentos em boa parte da população da América espanhola³. Essas práticas são bem visíveis nas margens das comunidades interioranas de norte ao sul do Brasil, principalmente nas regiões onde a força cultural de indígenas e africanos é bem marcante. Em um *survey*⁴ realizado por nós em cinco freguesias na região do Montesino, no norte de Portugal, encontramos poucas práticas que envolvessem as rezas e os benzimentos no formato observado no Brasil, pois observamos que a medicina Ocidental é mais procurada entre as comunidades portuguesas observadas, no entanto, observamos uso constante de ervas em terapias profiláticas de enfermidade.

Nossa proposta não é fazer comparações entre as práticas brasileiras, américa-hispânica e portuguesa, tampouco buscar a origem, o sentimento de perda ou quaisquer traços de desaparecimento das práticas dessas especialistas, mas procurar elucidar como elas utilizam as rezas e benzimentos em processos de

² Sobre definições acerca das noções de rezadeiras e benzedeiras, ver ALMEIDA & PEROVANO FILHO (2021), SANTOS (2007)

³ Taussig faz referências as comunidades e povos indígenas das regiões andinas e amazônicas de forma específica e uma análise generalizada de parte da América espanhola.

⁴ Pesquisa realizada no período de setembro de 2019 a fevereiro de 2020, quando exercia o cargo de professor visitante do Instituto Politécnico de Bragança – IPB. As freguesias visitadas: Gemondes, Mexeido, Rabal, Santa Maria e Vinhaes.

sobreposição da medicina ocidental positivista e, sobretudo, destacar um fenômeno muito constante hipoteticamente similar ao hibridismo linguístico, pois identificamos durante as etapas da pesquisa de campo no Brasil (médio sertão maranhense), que as elocuições expressadas pelas especialistas durante os atos terapêuticos são marcadas por empregos de palavras de distintas origens.

Também procuramos compreender como as benzedeadas e rezadeiras vêm tratando suas práticas em um contexto de adversidades ontológicas, por exemplo, no mundo conectado pela *internet*, onde orientações terapêuticas e, em alguns casos, exposições integrais de rezas e benzimentos estão disponíveis em manuais *online* e em canais de *youtubers*. Aqui há um contraponto, pois entre as nossas interlocutoras foi unânime a afirmativa em que o espaço da fala tem força que energizam as palavras que vêm do âmago, do inconsciente, portanto, de acordo com algumas especialistas, não se pode emitir palavras de força em qualquer espaço, sobretudo, público e de ampla abrangência como o caso das propagações de benzimentos através da rede mundial de computadores.

A hipótese do hibridismo linguísticos presentes nas elocuições das rezas e benzimentos é o recorte que nos conduziu para as análises deste artigo, tomando outros elementos da estrutura terapêutica, tais como o ponto de vista das especialistas, onde elas próprias emitiram pareceres quanto a utilização de uso de palavras e estilos de outras línguas (latim, ioruba, regional local) e ao mesmo tempo, como elas analisam o deslocamento dessas práticas seculares para usuários da rede mundial de computadores.

Para tanto, o artigo subdivide em tópicos para melhor compreensão. Nesse sentido, apresentamos no primeiro tópico, o contexto da pesquisa e as estratégias de coleta de dados, dando ênfase para as peculiaridades da região em estudo, bem como para os aspectos intrínsecos de cada especialistas que aceitaram colaborar com a nossa investigação. No segundo tópico, focaremos no entendimento de hibridismos linguístico e as concepções das especialistas quanto a suas práticas e elocuições com a finalidade de recorrer às análises teórica-reflexivas quanto a essa temática, sobretudo, pautada na psicanálise de Carl Gustav Jung, na antropologia estruturalista de Claude Lévi-Strauss e suas vertentes (animismo, perspectivismo entre outras), e das análises da correlação entre signos, significados e significante em Jacques Derrida. No último tópico, procuramos compreender o posicionamento das benzedeadas e rezadeiras quanto ao uso das

práticas terapêuticas no âmbito da orientação à distância, ou seja, o uso e disponibilidades na *internet*. Por fim, as vozes que ecoam saberes sobre o hibridismo linguístico visto pelo prisma das nossas interlocutoras⁵.

As benzedoras e rezadeiras do médio sertão maranhense

A região do médio sertão maranhense é uma área de ocupação populacional antiga. Se tem registro de outrora de habitações indígenas (PAULA RIBEIRO, [1815], 2002, CARVALHO, 2000), assim como foi passagem de grande levas de indígenas que fugiam da expansão colonial agropastoril advinda de outras partes do nordeste do Brasil. Não obstante, na região não há presença de indígenas aldeados, todavia, alguns indígenas podem ser vistos no conturbado urbano. Atualmente, o médio sertão maranhense é constituído por pequenas cidades cujos meios econômicos estão concentrados na pequena agricultura, na pecuária extensiva bovina/caprina e um comércio atacadista dependente de produtos oriundos de outros Estados do país.

Há um número bem representativo de uma população que permanece no campo⁶. Muitos povoados e vilas estão espalhadas entre as principais cidades, tais como Colinas, São João dos Patos, Paraibano e Pastos Bons. Dentre as populações que vivem no interior, destacam-se na região, algumas comunidades quilombolas, que convivem diariamente com os cidadãos, porém procuram manter uma vida cuja base gira em torno de uma “comunidade política” no sentido weberiano do termo, onde a chefia política é conduzida pelo poder carismático e pelo poder tradicional vinculado a ancestralidades comuns⁷.

Observando a potencialidade dessas comunidades políticas interioranas, algumas delas passaram a fazer parte das nossas investigações. Em pesquisas preliminares (NASCIMENTO e NERES, 2018, NASCIMENTO, 2020), identificamos

⁵ Não foi intencional elegermos somente mulheres como interlocutoras. O campo definiu, demonstrando o quanto as mulheres são maioria no gênero terapêutico das rezas e benzimentos.

⁶ A população total da região é de 149.365, sendo 91.491 habitantes urbanos e 51.745 moradores interioranos. Estamos acrescentando na pesquisa, parte da região do Alto Alpercatas que inclui as cidades de Mirador, Colinas, Jatobá e Sucupira do norte compondo uma população total de 81.825. Fonte IMESC, 2018.

⁷ Por exemplo, em duas comunidades quilombolas, Cambirimba e Jagurana a chefia é exercida por duas mulheres descendentes direitas das mães de santo das respectivas comunidades que herdaram das suas respectivas mães suas posições.

números significante de especialistas em terapias relacionadas em rezas⁸ e benzimentos. O que mais nos chamou atenção foi a presença de pessoas jovens conduzido atos terapêuticos, pois a literatura especializada consultada (SANTOS, 2007; RODRIGUES, 2012; FIGUEIREDO, 2008; BEM, 2015) aborda que, a prática de rezas e benzimentos era exclusivamente de mulheres idosas com um leque enredo de conhecimentos locais e exercícios de algumas práticas de destaque, tais como parteiras, mães de santos, professoras, donas de roças entre outras.

Nesse sentido, as mulheres foram responsáveis pela condução das informações presentes no texto, contribuindo para nossas reflexões, por isso, se faz jus ao tema. “Mulheres que ecoam saberes: as rezadeiras e benzedadeiras do médio sertão maranhense”. Quanto ao legado religioso, verificamos uma diversidade de credos, porém com destaque predominante para mulheres que se declararam católicas e algumas praticantes de religiões de matriz africana, principalmente umbanda, candomblé e pajelança. Observou-se que algumas pessoas se declaravam católicas, mas que praticavam algum culto aos orixás, assim como encontramos pessoas espíritas que se vinculavam aos cultos da umbanda.

“Estou onde o nosso grande Deus estiver. Para mim onde tem pessoa chamado por Deus eu estarei. Acredito que Deus está em todos os lugares onde ele é chamado. Estou no terreiro, no altar, mas também cumprio minhas obrigações na igreja católica. Antes essas práticas eram proibidas, porque o Deus era dos cristãos. Deus é de todos e ele está entre nós, na umbanda, no candomblé e em outros cultos dos nossos antepassados”. Ricos, pobres gente de todos os espaços procuram nossos trabalhos de reza e benzimentos. Essas rezas e benzimentos é uma mistura de todo tipo de gente, do branco, do índio e dos nossos pretos velhos. (Maria Firmina Dias, comunidade Malhada, Colinas, Maranhão, agosto de 2018)

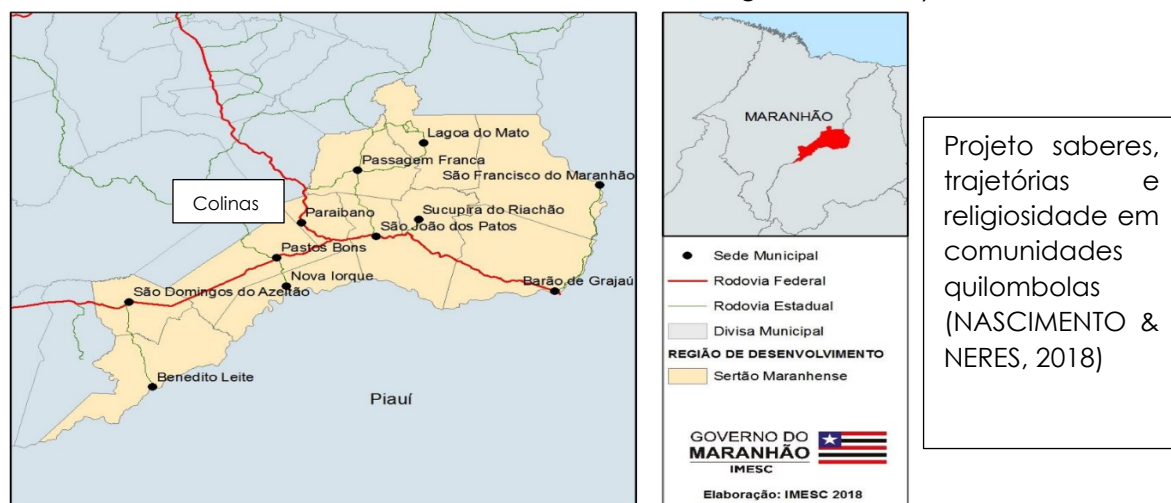


Figura 01: Mapa da região do Médio Sertão Maranhense. Fonte: IMESC, 2018.

⁸ Encontrei em Dennett (2013, p. 139) uma explicação de Ambrósio Blerce que definiu o verbo rezar como sendo pedir que as leis do universo sejam anuladas em nome de um único requisitante, confessadamente desmerecedor.

As mulheres rezadeiras e benzedoras do médio sertão maranhense colaboradoras da nossa investigação constituem-se em pessoas com saberes especializados. As origens dessas pessoas estão vinculadas diretamente à luta por terras e à perseguição religiosa, principalmente por praticarem culto aos orixás. Muitas delas passam por processos de interseccionalidade quando são violentadas por pertencer à classe subalternas, à religião de matriz africana e muito na condição de mulher (mãe, esposa, parteira, mãe-de-santo, negras etc.) e pela sua posição quanto à aquisição dos dons das rezas e benzimentos. Elas são vistas como “mulheres que sopram o vento e dominam a escuridão”, como enfatizou a rezadeira Ermínia da Conceição, aludindo para a maneira como a população de *outsiders* usam o eufemismo para bruxaria.

Em relação aos potenciais de *expertises* tão diversificadas, encontramos mulheres especialistas em terapias para diferentes ordens e esferas, por exemplo, benzedoras que atendem exclusivamente crianças; outras *expertises* em quebranto e mau-olhado, arca caída, disorexia e corrupção. Também encontramos *expertises* em reza para animais, principalmente em bovinos, equinos e caprinos para que estes tenham boa saúde e reprodução, assim como especialistas que se dedicam exclusivamente para preparação de pujaças a base de ervas, estas últimas *expertises* se destacam como grande potencial de conhecimento sobre a geografia e ecologia local.

“A gente desde criança pisoteia nessa mata grande, mergulha nos rios e igarapés, cuida de roças. A gente encontra muitas coisas, passa a conhecer as plantas pelo cheiro, pelo tamanho da sua sombra, da sua folha e do seu fruto. A gente conhece o tempo da flor, da fruta e quando a planta tá em festa, vento e chuva faz agradar. A gente sabe aqueles bichos que as árvores acolhem, sabe onde eles vão dar cria e proteger seus filhotes [sic]. Sabe onde o bicho sabe fazer sua morada e acolher sua parceira. Assim as plantas me guiam na mata. É delas que eu tiro a sabedoria que os meus guias me fizeram delas minhas companheiras e mestras”. (Maria Edna Almeida, Sucupira do Riachão, maio de 2018)

Outras relataram que possuem habilidades de falar com seres da sobrenatureza, que lhes orientam a buscar ervas para curar.

“A gente faz as garrafadas [pujaças] de acordo com cada situação. Na reza no corpo da pessoa a gente enxerga o caminho das plantas. Já sabe pelo sinal. As vezes vem de um sonho, as vezes da própria necessidade que nós já conhecemos que os antigos já faziam. As plantas são boas para curar, porque elas não fazem mal a ninguém, mas tem que saber lhe dar com as venenosas, sabe. Tudo é do nosso aprendizado com os guias e com as nossas bisavós, mas também a gente descobre outras, sabe, que faz melhor, vai trocando, vai melhorando”. (Ermínia Santos, Colinas, dezembro de 2018)

No entanto, apesar das *expertises*, todas as especialistas consultadas usam elocuições como orientação dos seus respectivos trabalhos. As elocuições, portanto, estão presentes de forma transversais em todas as ações terapêuticas observadas. Elas emergem de campos diversos (inconsciente e consciente) e emitem representações simbólicas que orientam na elaboração de significados e significantes, considerando, de acordo com Derrida (2007), que o significado não é mais que o significante posto em determinada relação com outros significantes. Essa relação fica explícita nas argumentações das nossas interlocutoras.

“As palavras vêm do mundo e de todas as direções, do vento, do rio, do céu e das plantas. Até da chuva elas vem como sinal. Nossas falas têm força dentro da nossa proteção, dentro da nossa casa, vêm de dentro que a gente não sabe explicar, tem palavras, têm versos, têm tons, têm sinais. A gente sabe fazer, sabe soprar, sabe cuidar e não deixamos estragar. Todas as palavras, todos os sinais a gente sabe onde colocar”. (Adelina Sousa, Colinas, dezembro de 2018)

Para Derrida (1994), “a palavra escrita estende vertiginosamente o alcance da linguagem no espaço e no tempo e assegura a comunicação do pensamento de alguém mesmo depois dos seus atos”. Não obstante, Carl Jung (2004, p. 16) ressalta que as pessoas utilizam palavras escritas ou faladas para expressar o que desejam transmitir, todavia, nossas interlocutoras ultrapassam essas perspectivas quando a palavras escrita deixar de ter tanta importância, pois a ênfase está no enunciado das elocuições. Esses argumentos ecoam com a citação da benzedeira Adelina Sousa, pois a linguagem é cheia de símbolos, mas também, muitas vezes, elas fazem uso de sinais de imagens, símbolos não necessariamente descritivo, pois elas imputam descrição naquilo que tem significado na hora do ato ritual, coadunando com a concepção do psicanalista Carl Jung:

“Uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem têm um aspecto “inconsciente” mais amplo, que nunca e precisamente definido ou explicado”. (JUNG, 2014, p. 16)

Na raiz das elocuições está o instinto pronto a disparar: a disposição de atribuir agências, crenças e outros desejos sob a égide dos estágios mentais, ou seja, quaisquer coisas que se movem na visão das especialistas que elas atribuem símbolos que facilitam rastrear significados sobre o agenciamento das coisas e dos corpos.

A prática de atribuir intenções demais as coisas que se movem sob olhares

intrínsecos, é chamado na antropologia simétrica de perspectivismo (VIVEIROS DE CASTRO, 2004), literalmente, dar uma alma (em latim anima) ao que se move e é visto por lentes especializadas dos curandeiros, xamã, sacacas, rezadeiras, entre outros⁹. Nesse sentido, as elocuições, bem como as rezas e benzimentos fazem parte do campo de terapias relacionais ao campo da sobrenatureza e ao inconsciente? Hipoteticamente é o que nos propomos a demonstrar.

Estratégias de coletas de dados e a idiosincrasia das especialistas

A metodologia utilizada para coleta de dados foi a observação direta. A pesquisa iniciou-se no ano de 2018, quando descobrimos pelo canal *Youtube*, que havia uma benzedeira na região do município de Colinas no Estado do Maranhão cuja mesma era líder de uma comunidade quilombola. A partir do primeiro contato com a líder quilombola, obtivemos várias informações que diziam respeito da existência na região de muitas pessoas que praticavam a terapia de reza e benzimentos e que movimentavam um forte intercâmbios entre elas. Essas informações foram fundamentais para expandir a proposta da nossa investigação, que a princípio tinha o objetivo apenas de identificar rezadeiras da região em tela. Todavia, fomos levados pela hipótese que as rezadeiras e benzedeiros do médio sertão maranhense constituíam-se como fenômeno social total plausível de investigação. Dessa maneira, procuramos desvendar a idiosincrasia dessas especialistas.

Na primeira fase da pesquisa contamos com a colaboração de dona Maria Luísa da Costa, líder quilombola da comunidade de Cambirimba na região do município de Colinas. (Ver figura 01). Na ocasião foram identificadas aproximadamente setenta e cinco rezadeiras e benzedeira nos municípios de Colinas, Paraibano, Sucupira do Riachão e São João dos Patos. Dessa totalidade, elegemos quinze cuja escolha se deu pela disponibilidade que cada especialista demonstrou em colaborar com as nossas demandas e propositivas.

Tivemos o cuidado de selecionar *expertises* que representassem as modalidades variadas e inerentes, bem como que abrangessem localidades distintas e intervenção específicas. Nesse sentido, traçamos estratégias em visitar esporadicamente em domicílios, sobretudo aquelas que nos permitiram o acesso

⁹ Ver Viveiros de Casto (2018; 2004).

as sessões rituais e, conseqüentemente, quando nos eram autorizado, nos permitiam a registrar toda ação cerimonial, inclusive, as elocuçõs que foram transcritas *ipsis litteris*, registradas na sua totalidade. No total, foram registradas mais de oitenta rezas e cerca de cinquenta benzimentos e uma leva bem variada de “garrafadas” elaboradas com ervas do sertão para fins diversos.

Cada especialista participou de uma roda de entrevista aberta cujo objetivo foi traçar o perfil de cada uma delas e identificar elementos intrínsecos que pudessem nos orientar para análises reflexivas associadas aos seus respectivos argumentos e suas práticas para elencar a idiosincrasia dos fenômenos pesquisados. Identificamos que das quinze especialistas selecionadas, apenas três concluíram o ensino fundamental, cinco sabiam apenas assinar o nome e sete não demonstraram nenhum conhecimento das letras. Esses dados foram de suma importância para pensar na hipótese em considerar as elocuçõs como fenômeno de hibridismo linguístico, hipótese esta testada com o andamento das investigações.

Observamos que a maioria das especialistas entrevistadas se autodeclararam negras e praticantes de religiões de matrizes africanas e/ou do catolicismo. A maioria residente da região interiorana e com pouquíssimas passagens pela cidade. No entanto, percebemos em número menos expressivo, pessoas exercendo os benzimentos e as rezas em ambiente urbano. Um fator que podemos destacar referente as pessoas que atuam na cidade é o fato delas se autodeclararem como pessoas “brancas”, porém que migram do interior para cidade recentemente.

O que se pode imprimir é a influência direta do catolicismo popular, pois mesmo aquelas que afirmaram que são de religiões de matrizes africanas, ressaltaram que também praticam o catolicismo, pois para essas pessoas “o deus é o mesmo”. Essa concepção converge em partes com as conclusões apresentadas nas pesquisas de Santos (2007), Rodrigues (2012), Lima (2008), Bem (2015), Almeida e Perovano Filho (2021) pesquisadores cujas concepções apontam que as rezas e benzimentos mantém um vínculo estruturante com o catolicismo popular. Todavia, nossa reflexão não se limita meramente a esse vínculo, pois na estrutura das terapias que envolvem rezas e benzimentos orbitam fenômenos de outras esferas.

Acessamos fontes secundárias em livros e artigos, bem como buscamos sítios

na *internet* que oferecessem rezas e benzimentos *online*. Essa prática foi considerada pela maioria das especialistas consultadas por nós, como uma prática paradoxal e fora do contexto dos seus ensinamentos, como veremos. Portanto, o arcabouço metodológico concentrou no uso da memória social de quinze especialistas mulheres, que a partir dos seus respectivos pontos de vistas e do pragmatismo laboral, nos forneceram a base reflexiva desta investigação.

Elocuções e hibridismo nas rezas e benzimentos no médio sertão maranhense

O que são as elocuções? São basicamente pacotes de informações de algum tipo, receitas para usar o aparato vocal nos ouvidos de algumas pessoas, ou nas mãos ou olhos e cérebro), de modo bastante específico. Uma elocução é mais que um som ou um modo de escrever e falar. As elocuções são vozes emitidas do interior das pessoas que pode ou não se tornar claras ou um mero *insight* para buscar algo, pois um *insight* para uma elocução pode ser um refrão cantado que pode durar alguns segundos. Tem que entrar em algum ouvido – tanto quanto possível – se imprimir firmemente no máximo ao cérebro possível para fugir do esquecimento. Essa é a definição compilada do entendimento do que são as elocuções para as mulheres benzedeadas e rezadeiras por nós consultadas.

Durante as sessões rituais que presenciamos no curso da nossa pesquisa, uma prática de oratória nos chamou atenção. Como pessoas com pouca escolarização sabiam enunciar elocuções de outras línguas? Como elas conseguiam articular estruturalmente uma linguagem com arranjos frasais distintos? Será que as elocuções emitidas pelas especialistas se enquadram na perspectiva da *metalinguagem* no sentido barthesiano? Essas questões nos foram suscitadas para um debate inicial que não se esgota neste artigo.

Primeiramente, por elocuções no contexto do nosso trabalho, entendemos que significa o modo de exprimir o pensamento por meio de palavras, que correspondem também a concretização de uma ideia em forma de enunciados¹⁰. Essa concepção se fundamenta pelo fato das nossas interlocutoras considerar que suas práticas terapêuticas exprimem a forma do pensamento cuja orientação é exógena, mas que tem uma finalidade pragmática. endógena. Isso porque, as

¹⁰ No dicionário Houaiss, elocução é considerada como retórica relativa à escolha de palavras usadas para estilizar o enunciado ou expressão. Essa definição se afasta do propósito em que são usadas as elocuções entre as rezadeiras e benzedeadas, pois elas não têm objetivo de estilizar frases.

rezas e os benzimentos movimentam forças de vários campos, sempre em favor de outrem, por essa razão, a eminência do hibridismo em suas falas, como ressalta dona Daria Olinda, rezadeira da comunidade de Quilombola Tabocal do Belém.

“Eu nunca fui à escola, nunca fui ao estrangeiro, mas aprendi essas palavras que me foram colocadas na minha cabeça pelos nossos guias. A gente trabalha para o bem de outras pessoas e quando se trabalha para o melhor, muitas outras falam aparecem. A gente vive usando as palavras do jeito que vem na cabeça. É desse jeito que se anuncia as coisas que vem para ajudar” (Daria Olinda, comunidade Tabocal do Belém, 04 de julho de 2018)

A concepção da rezadeira citada acima, vai ao encontro do que Barthes (2007) chamou de “teoria dos atos da fala”, em que considera que não basta somente saber construir frases corretas à luz da gramática, há que também saber enunciá-las e isso é algo de diferente em que as rezadeiras e benzedadeiras realizam como maestria, como ressaltado abaixo:

“A fala tem um poder de força. Quanto mais usamos palavras de forças, mais força temos para chegar ao nosso objetivo. As barreiras são eliminadas e o caminho vai se abrindo com as nossas palavras. Na minha ciência, a fala conduz o meu trabalho. A fala chega, a fala resolve. Um trabalho bem falado, com palavras de força tira muitas maldades do caminho. É isso que tenho para explicar”. (Dona Ermínia da Conceição, Sucupira do Riachão, Estado do Maranhão)

A teoria estruturalista¹¹ prioriza como foco analítico, a constante oposição entre linguagem e fala; língua e linguagem. Todavia, não pretendemos teorizar exaustivamente sob a luz estruturalista, mas seguindo alguns princípios, por exemplo, da importância do inconsciente justaposto a tese sugerida por Jürgen Habermas¹² (1984) de que não só a língua, mas também a fala em utilização de frases em enunciados são elementos passível de uma análise lógica. Nesse sentido, o que intentamos como elementos que contradizem o “hibridismo linguístico” ou as misturas de palavras de origens distintas presentes nas elocuções formuladas pelas rezadeiras e benzedadeiras, tornou-se um fenômeno analítico na sua totalidade, considerado como elemento articulador entre várias esferas, onde a fala possui um objetivo e produz efeitos pragmáticos, sendo assim um instrumento de ação, ou seja, como ação comunicativa na perspectiva da teoria da ação comunicativa de Jünger Habermas (Ib. Ibid.).

¹¹ A linguística de Saussure assenta na distinção entre língua e fala. Aliás, essa distinção é fundamental para toda a linguística estruturalista.

¹² Assentado na teoria da ação comunicativa. Ver Habermas (1984).

Forças do inconsciente ou hibridismo linguístico?

A concepção de hibridismo linguístico pensada por nós, não é aquela apontada pelas gramáticas quando se referem a formação de palavras justapostas ou sobrepostas por uma ou mais línguas. Nas gramáticas da língua portuguesa, hibridismo é pensado como palavras que se juntam para formar uma nova palavra incorporada ao nosso léxico, tornando-se aportuguesadas. Também não estamos diante de um bilinguismo no sentido em que os sujeitos se expressam em duas ou mais línguas ou possuem habilidades suficientes de produzir sentenças completas e com sentidos completos em uma segunda língua. Nenhum desses fatores se aplicam as nossas interlocutoras, pois a língua portuguesa é a língua operante na vida diária dessas mulheres rezadeiras¹³.

O fenômeno que estamos arbitrariamente denominando de “hibridismo linguístico” está mais vinculado à questão simbólica e cultural de uma ação pragmática, cimentado na memória coletiva, onde são usadas elocuições soltas de diferentes línguas (latim, ioruba, dialeto regional local) não formando uma estrutura frasal constituída para produzir uma estrutura frasal evidente, porém suficientemente compreensiva no âmbito da interioridade daquelas que as praticam. Selecionamos algumas elocuições mais recorrentes. As elocuições foram grafadas de acordo com a entonação fonética¹⁴ do anunciador, transcritas de gravações digitais e estão destacadas de negrito e itálico. Segue abaixo, elocução direcionada a uma criança acometida por mau-olhado.

“Em nome de são Cipriano; se abre a **vereda** que ilumine o que te causa **ààre**;

Em nome de são Cipriano eu fecho as **veredas** para aqueles que te causa **ààre**;

Com a força de são Cipriano e do espírito santo, nosso Senhor;

Abaltus para bem longe o que te molesta;

A palavra de são Cipriano tem força, tem poder;

Abaltus para bem longe o que te molesta;

São Cipriano é o nosso senhor;

Curis o mal para bem longe desse corpo;

Em nome do nosso são Cipriano e do nosso Senhor;

¹³ Para Edwards (2006), o bilinguismo resultaria da adição de um conhecimento perfeito de uma língua estrangeira.

¹⁴ A linguística ensina, justamente, que a análise fonológica não se aplica as palavras, mas apenas as palavras previamente dissociadas em fonemas. Ver Levi Strauss (2004, p. 49)

Fecho as veredas para aqueles que te causaram **ààre**".

Àdurà abaltus afèfè¹⁵. (Domingas Xavier, 67 anos, São João dos Patos, maio de 2019)

Observe que há predominância de palavras da língua portuguesa intercalada abruptamente com palavras do latim, ioruba e de um regionalismo linguístico é bem acentuado. Esse fenômeno foi notório para a maioria das rezas e benzimentos que coletamos.

Em outra sessão observamos uma elocução enunciada à são Cipriano para atingir outra finalidade.

"Peço em nome de são Cipriano que retire da tua alma e do teu corpo;
todas as dores que desate todos os nós que sejam rompidos,
todos os negativos elos,

Peço as força divinas que bendigam teu caminho que se quebrem todos
espinhos,

que seja florido teu caminhar,

Peço aos anjos guardiões,

Que com suas asas abertas espalhem força de felicidade por todo seu
coração,

que a sua proteção venha do céu, das matas, dos rios e de nossa Senhora.

Em teu corpo rezo em teu corpo com a força de Deus e nossa senhora;

Que a força da palavra nos guie para livra-te dessa molesta;

Abjicio as **mandingas** que te molestam para bem longe;

Abjicio as chagas que te molestam para bem longe;

Em nome de Nossa Senhora e do *Espírito* santo, amém". (Elvira Rosa; Paraibano, julho de 2019)

O que se verificou preliminarmente é que as palavras e os conceitos ganham significados contextualmente, onde o emissor desconhece a origem, o significado e a própria grafia das elocuições expressadas. No trecho acima, há palavras de origem do latim (*abaltus, curis*), yorubá (*ààre, àdurà, afèfè*) e algumas palavras do português coloquial regional, por exemplo, vereda, bajugar, molesta. Essa situação se aproxima daquela em que Barthes (2007), analisa a relação entre a estrutura do pensamento e a língua ao afirmar que ela não se esgota na mensagem que gera; ela a sobrevive, através de sua estrutura, a qual se impõe ao pensamento.

Para dona Ermínia da Conceição, rezadeira de Sucupira do Riachão (ver

¹⁵ As rezas são enunciadas em partes bem definidas. A reza apresentada acima foi apresentada em dez parte.

localidade figura 01), as palavras exógenas que compõem as elocuições de suas rezas e benzimentos são “sopradas pelo vento e emitidas pelos nossos guias”. Essa metáfora pode ser compreendida que as palavras estão no inconsciente das especialistas e que foram adquiridas por diversas vias: oníricas, possuem por entidades e, em um número bem restrito, por transmissão de conhecimento entre aprendizes e mestras, perpassado de geração para geração em processo de escolhas restritas, ou seja, nem todas pessoas podem se tornar rezadeiras ou benzedadeiras. Nesse sentido, as concepções das rezadeiras e benzedadeiras convergem a concepção de inconsciente de Jung (2002) quando ele esboça que “conhecemos o inconsciente e com ele nos comunicamos (um serviço bidirecional), sobretudo através dos sonhos, pois as comunicações do inconsciente são da maior importância para quem sonha”. (JUNG, 2002. p. 59). Esse raciocínio faz eco às palavras da dona Ermínia da Conceição:

“As minhas palavras podem fazer uma pessoa feliz. Mas não pode ser palavras vazias que as pessoas usam para embelezar a fala. Não, não é assim. As palavras usadas nos meus ensinamentos vêm de dentro da alma daqueles que me orientam e me ensinam. A força da palavra é tão forte que eu nunca fui à escola, mas sei falar do jeito que eles [entidades?] mandam, mas se o senhor pedir para eu escrever, não sei não, não sei nada no papel. Porque o que eu coloco da boca para fora são palavras guiadas que os meus bisavôs já sabiam, mas que diziam que era fala de padre, de italiano, de gente do estrangeiro, sabe. Então a gente que faz esse tipo de trabalho mantendo as palavras de força. Muitas dessas palavras são de sonhos que parece mais comum um sopro em nossos ouvidos”. (Dona Ermínia da Conceição, 24 de julho de 2019 em Sucupira do Riachão, Estado do Maranhão)

O que hipoteticamente denominamos *a priori* de hibridismo linguístico presente nas elocuições das rezadeiras e benzedadeiras pode ser considerado como oximoro quando se emprega palavras com sentido completamente diferentes que podem ser usadas em múltiplas situações de forma paradoxal e abrupta. Plausivelmente, para as rezadeiras o que está em jogo é “a força da palavra” independente do seu contexto. Entende-se por “a força da palavra”, como uma expressão usada inconscientemente¹⁶ por impulso de guias da sobrenatureza, que são responsáveis pela sabedoria que elas adquiriram e transformam em subjetividades práticas. Neste caso, o inconsciente conduz os atos que não poderiam ser obtidos de fonte consumadas pelos objetos reais, pois de acordo

¹⁶ O inconsciente aqui se distingue do inconsciente psicanalítico freudiano. Em nosso caso, estamos mais próximo do inconsciente levissatrusiano, sobretudo, na questão que tange a eficácia simbólica presente na antropologia estrutural do etnólogo francófono. Ver Levi Strauss (2004).

com Jung (2004, p.8), "existirem inúmeros objetos fora do alcance da compreensão humana" e por conseguinte, utilizamos termos simbólicos oriundo do inconsciente como representação de conceitos que não podemos definir ou compreender integralmente.

Para as nossas interlocutoras, o uso de oximoro ou paradoxismo em suas elocuções não deixam de estremecer as forças e significados das palavras, pois para ser especialista em rezas e benzimentos, não basta saber exclusivamente construir frases corretas à luz da gramática, há que também saber enunciá-las e isso é algo de diferente, pois depende do espaço, dos sujeitos envolvidos, do sujeito que fala e como fala e, primordialmente, a especificidade para quem são direcionados "*a palavra de força*":

"Veja! Não é tão simples assim o meu trabalho. Se você me convidar para eu ir a sua casa para fazer um serviço é uma coisa. Porque eu vou com a minha orientação de servir você, mas não gosto de fazer esse tipo de serviço. Quando você me chama para falar na sua universidade, a minha palavra não tem força e tudo me escapa. Não é nervosismo não! Não sei explicar, mas parece que tem que ter o local apropriado. Eu gosto de fazer meus serviços na minha casa, no meu altar, no meu espaço onde eu sinto todas as forças em meus braços. O meu espaço e o meu altar me fazem tornar a minha língua mais poderosa, falo todas as palavras e escuto todas as vozes, mas há tanta coisa que a gente ainda não sabe". (Maria Luiza da Costa, 04 de dezembro de 2018, Quilombo de Cambirimba, Colinas, Estado do Maranhão)

As palavras devem ser ditas em circunstâncias apropriadas, pois ecoando a Stengers (2010), "nossas palavras são relativas as nossas práticas¹⁷" e nesse sentido, observamos que a questão de soltar palavras em determinado espaço é fundamental para o exercício das práticas terapêuticas. Entre as nossas interlocutoras foi notório a existência de casas de rezas, composta de altar repleto de imagens dos seus respectivos guias e objetos sacralizados como mantenedores de poder, por exemplo, rochas, galhos de árvores, crânios de animais, penas de aves etc. Essa valorização do espaço como reduto de poder e guardas dos guias espirituais, coloca em xeque as novas modalidades terapêuticas de rezas e benzimentos advinda de orientações via *internet*. Nesse caso, questionam, as nossas interlocutoras, como ficam as palavras de força? Como escutar os guias? Porque para elas, como foi ressaltado na citação acima, as palavras devem ser ditas em circunstâncias apropriadas e em espaços sacralizados, onde as

¹⁷ Our words are relative to our practices and we now ask that they tell us which obligations will guide us where angels fear to tread. (STENGERS, 2010, p. 362).

elocuições emergem com mais leveza. E o espaço é um elemento primordial para a realização das terapias e, conseqüentemente, um reduto de forças que intervêm diretamente em toda a condução dos trabalhos. Então como são vistas as terapias *online*?

As práticas terapêuticas de rezas e benzimentos na modalidade *online*

Nos últimos anos, uma nova modalidade de terapias pautadas em rezas e benzimentos passou a ser oferecidas *online* via rede mundial de computadores. Essa questão quando pautada entre as nossas interlocutoras, que se auto-identificam como *griôs* de um conhecimento "tradicional", questionam tal modalidade.

Sites e blogs especializados disponibilizam uma gama de rezas e benzimentos e orientam seus usuários aos preparativos de banhos de ervas. Observamos alguns sites e blogs e constatamos que muitas das rezas e benzimentos oferecidos são comuns entre as nossas interlocutoras. Elas reconhecem as rezas, os benzimentos e as orientações para banhos de ervas, mas questionam alguns pontos.

Primeiramente, as mulheres rezadeiras e benzedadeiras do médio sertão maranhense alegam que suas práticas terapêuticas não vêm por acaso, mas é um ato de "gratidão divina", um dom e, por isso não pode ser qualquer pessoa que possa conduzir o ato que está entrelaçados de responsabilidades e controle de seres de diversas ordens.

Segundo, foi demonstrando ao longo do texto, que o espaço é fundamental para as práticas terapêuticas. Neste caso, a eficácia e o poder dependem do espaço, por exemplo, na falta do espaço adequado, as palavras fogem, a força se perde e a condução à eficácia é anulada. Portanto, existe uma série de prerrogativas interligadas de obrigações e contra obrigações, ou seja, o *dom* e o *contradom* na estrutura das rezas e benzimentos.

Um terceiro fator abordados pelas interlocutoras, é que mesmo tendo-nos acessados a determinadas rezas, existem rezas que não podem ser expressadas oralmente, mas sim sentida somente no pensamento, como bem ressalta, dona Maria do Conselho. Esse fato aludido pela interlocutora conota o que Jung (2002, p. 13) assevera como "um meio de comunicação que usa símbolos comuns a toda a humanidade, mas que os emprega sempre de modo inteiramente individual, exigindo para a sua interpretação uma "chave", também inteiramente pessoal",

como ressaltada implicitamente na fala da Maria do Conselho, uma rezadeira de 73 anos de idade.

“Eu sei muitas rezas, ensino algumas, mas aquelas que estão no pensamento nem eu mesma sei. Elas saem do coração, está no meu pensamento. Não tenho nenhuma dessas rezas escritas no papel, todas estão na minha cabeça. É coisa de Deus, sabe, coisa daqueles que nos guiam e nos acompanham por toda a vida. Quem quiser aprender as que eu falo, pode aprender, mas não vão saber usar. Tem que ter fé, adentrar no centro do pensamento. Tudo pode se realizar bem com as rezas, mas fica bem curado com aquelas rezas que não podem ser faladas. As vezes nem eu mesma sei de onde eu tirei tanta sabedoria de falar para dentro de mim”. (Maria do Conselho” ou Maria da Guia, Sucupira do Riachão).

Também é possível destacar o caráter de individuação do sujeito que os benzimentos adquirem, a partir da força da palavra, na sua atmosfera de sobrenatureza, visando adequar-se a necessidade do sujeito que recorre as rezas e benzimentos, que adquirem em caráter empírico, uma força na aplicação de terapias e curas. A exemplo, a senhora Ana Amélia do Cocal, rezadora residente no município de Paraibano, Estado do Maranhão, quando ela vai iniciar uma reza para determinado sujeito, pergunta sobre o seu nome completo, e com este ato inicia o ritual e diversas vezes entoa durante o cerimonial, prece que se repetem arranjadas aos nomes dos sujeitos que recebem a terapia. Esta forma também é citada por Santos (2007, p.56), ao observar uma narrativa de parte de um ritual de cura:

“Após dizer estas palavras, reza-se três Pai-nosso, três-ave-marias e três Salve-rainhas. Em seguida, faz-se um oferecimento às cinco chagas de nosso senhor Jesus Cristo, dizendo: Assim como Jesus ficou livre das cinco chagas, fique o doente (aí diz o nome da pessoa), livre, são e salvo”.

Portanto, não há um questionamento quanto à relevância das terapias *online*, o que as mulheres especialistas destacam é que existem coisas idiossincráticas que não podem ser deslocadas do eixo das estruturas das rezas e benzimentos, assim como algumas rezas, que não podem ser expressadas na condição de perder a sua eficácia, bem como a importância da individuação do sujeito, que é necessária para determinar que tipo de rezas ou benzimentos as especialistas irão introduzir.

As especialistas observam a modalidade de terapias *online* eclipsada, quando retiram do ostracismo as terapias em rezas e benzimentos, que outrora foram classificadas como feitiçaria e, que a ciência moderna relegou ao plano do misticismo obscuro e pagão. Por outro lado, desconfiam da eficácia da terapia

online, por não possuir elementos de natureza impenetrada em espaço que não reuni a força da palavra e o trânsito dos guias. A reflexão da rezadeira Ermínia da Conceição, sintetiza o debate empírico e teórico estabelecidos ao longo do texto.

"Nós adquirimos algumas coisas diferentes, algumas coisas diferentes podem está entre nós, um sinal, uma voz, um acontecido, um sonho. Nós podemos ser uma mão que escuta e um ouvido que acolhe, pode ser um olho que não ver, mas uma cabeça com o olho do sol que enxarga todos os seres. Pode ser um sonho que desenha o caminho que pisoteio e o rastro que deixo ao longo do caminho favorece a sabedoria daqueles que não possuem as letradas para guiar, mas dons que foram trabalhados nas palavras, nas gírias, no sopro, mas nada no papel. (Ermínia da Conceição, 24 de julho de 2019 em Sucupira do Riachão, Estado do Maranhão)

Algumas Considerações

Neste ensaio empírico-teórico percorremos pela sociolinguística e pela antropologia estruturalista para compreender, a partir do ponto de vista das nossas interlocutoras (mulheres rezadeiras e benzedoras do médio sertão maranhense) a exegese e as implicações do uso das elocuições expressadas durante os atos terapêuticos que envolvem rezas e benzimentos.

Evidenciamos que as elocuições resultam de um jogo de palavras exógenas e de enunciados com palavras em latim, ioruba e uma linguagem de um português coloquial local. As interlocutoras não são bilíngues, embora haja uma corrente na sociolinguística que defende que se uma pessoa consegue usar intercaladamente algumas palavras de outro idioma, essa pessoa é considerada bilíngue. No entanto não concordamos com esse pressuposto, haja vista, as nossas interlocutoras desconhecerem os significados literais das palavras expressadas. Não obstante, as palavras exógenas empregadas em suas elocuições estão todas no plano do pensamento, ou seja, no inconsciente, que à primeira vista, não revela um significado, mas se compreendem o seu significante.

Também, elas não conseguem estruturar uma frase em ioruba ou latim, mas palavras soltas, que impulsionam um significante que orientam suas práticas terapêuticas orientadas por uma "palavra de força", portanto, não é o significado literal que prevalece, mas a força que a elocução transmite na hora dos atos. Esse fenômeno necessita de uma análise aprofundada, porém as interlocutoras reconhecem que, o que elas sabem e emitem vêm de correntes da sobrenatureza, muitas das vezes transmitidas por revelações oníricas, aliadas a visões de mundo restrita aos que praticam essa sabedoria.

Mesmo com o advento de novas modalidades de terapias via *online*, nossa

pesquisa detectou o quanto é frequente à procura pelos serviços das mulheres rezadeiras e benzedadeiras. A busca por tratamento a base de rezas e benzimentos no médio sertão maranhense é significativa e que uma nova geração de mulheres especialistas está sendo orientada para tal exercício. Como ficou bem evidente nas falas das nossas interlocutoras: “nunca vai ser como antes, se perde, mas nem tudo”, pois o que é ensinado é que “nossas falas ficam na mente daqueles que foram agraciados e praticam seus dons para o bem de outrem”.

Finalizando com a ideia de Jung (2003), quanto ressalta que a humanidade só se realiza através do conhecimento e aceitação do seu inconsciente, conhecimento que ele adquiriu por intermédio dos sonhos e símbolos, pois o que ficou perceptível entre as sábias mulheres rezadeiras e benzedadeiras do sertão maranhense, é que existem uma idiossincrasia na fala, na linguagem, nas palavras e no espaço que se eclipsiam em uma síntese de uma comunicação entre mundos, sonhos e transcendência do corpo e dos saberes. Não obstante, o fenômeno empregado por essas mulheres nos vieses das elocuições, não se caracterizam nem como hibridismo linguístico, tampouco com expertises com outras línguas, pois como elas gostam de enunciar: “a fala vem de dentro da alma e a força das nossas palavras está na natureza de cada pessoa que recebeu o dom do saber e a disposição para o bem-fazer”.

Referências bibliográficas:

ALMEIDA, Graciela S e PEROVANO FILHO, Natalino. **Identidade ética e etnociência nas práticas de rezadeiras.** Revista ODEERE, v. 6, n. 2, p. 79-95, 2021. <https://doi.org/10.22481/odeere.v6i2.9750>

BARTHES, Roland. **Crítica e verdade.** São Paulo: Perspectiva, 2007.

BEM, Fernanda. **No quintal da casa de madeira:** saberes, fazeres e dizeres dos benzedores e benzedadeiras do oeste de Santa Catarina. Simpósio de Nacional de História. Florianópolis, 2015.

CARVALHO, Carlota. **O sertão:** subsídios para a história e a geografia do Brasil. 2ª edição. Imperatriz: Editora Ética, 2000.

DENNETT, Daniel. **Quebrando o encanto.** Religião como fenômeno natural. São Paulo: Editor Globo, 2013.

DERRIDA, Jacques. **A estrutura e a diferença.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2ª edição, 2007.

DERRIDA, Jacques. **A voz e o fenômeno.** Introdução ao problema do signo na

fenomenologia de Husserl. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1994.

EDWARDS, John. **Foundations of Bilingualism**. In: BHATIA, Tej K; RITCHIE, William C. The Handbook of Bilingualism. Malden: Blackwell Publishing. 2006, p. 7-30.

HABERMAS, Jürgen. **The theory of communicative action**. Vol 1. Reason and the rationalization of society. Boston: Beacon Press. 1984

IMESC. **Instituto Maranhense de Estudos socioeconômicos e Cartográficos**. São Luís: Anais, 2018.

JUNG, Carl. **O homem e seu símbolos**. Rio de Janeiro: Editora Novas Fronteiras, 5ª edição, 2004.

JUNG, Carl. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

LÉVI STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2004.

LIMA, Zelinda Machado. **Rezas, benzimentos e orações: a fé do povo**. São Luís, Editora Aurora, 2008.

NASCIMENTO, L. A. S. **Etnografia reflexiva e cartografia da alteridade: saberes, trajetórias e espaço social**. Revista Resgate Intercultural, Unicamp, v. 28, p. 02-26, nov. 2020.

NASCIMENTO, L. A. S. & NERES, E. S. **Benedeiras e rezadeiras: imaginário e cotidiano no Alto Sertão Maranhense**. Relatório parcial São João dos Patos, PIBIC-IFMA-PRPGI, 2018.

PAULA RIBEIRO, Francisco de. **Memórias dos Sertões maranhense**. São Paulo, Siciliano, 2002.

RIBEIRO, Elder, SENA, Márcio e ORESTE, Liverson. **Diálogo com o sagrado: narrativas das benzedeadas e rezadeiras de Santo Amaro**. Rev. ODEERE, v.3, n. 6, 2018. <https://doi.org/10.22481/odeere.v3i6.2724>

RODRIGUES, Bianca Bazzo. **Poetas da Benção – ramos, santos, velas e benzimentos na criação cênica**. Contemporâneos – Revista de Artes e Humanidades, 2012.

SANTOS, F. V. dos. **O ofício das rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta/RN**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.

STENGERS, Isabelle. **Cosmopolitics I**. The Science Ward. London: University of Minnesota Press, 2010.

TAUSSIG, Michael. **Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem**. Um estudo sobre o terror e a cura. São Paulo, Paz e Terra, 1993.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Metáforas canibais**. São Paulo: EBU Editora, 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Cosac e Naify, 2004.